

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Globo

Class.: 227

Data: 10.06.80

Pg.: _____

Juruna quer falar com Figueiredo sobre Funai

PRESIDENTE PRUDENTE, SP (O GLOBO) — O cacique Juruna disse ontem, durante rápida visita ao Paço Municipal desta cidade, que irá a Brasília “especialmente para denunciar ao presidente João Figueiredo uma série de irregularidades da Fundação Nacional do Índio (Funai), principalmente em relação ao problema da terra”.

— Hoje o índio não tem paz, porque vive sem terra. Os brancos querem se apoderar de nossas propriedades a qualquer custo. Os fazendeiros matam, mas o Governo não toma conhecimento e nada acontece a eles.

Juruna, que estava acompanhado de dois índios de sua tribo e um branco contratado como motorista, com os quais está viajando num Volkswagen 1980, disse que só não participou da recente invasão da Funai, em Brasília, porque estava no Norte de Mato Grosso, onde assumira vários compromissos. Acrescentou, porém, que se estivesse lá “já tinha estourado a Funai”.

Lembrando que antes de sua posse, o presidente Figueiredo prometeu que o chamaria para uma conversa, Juruna afirmou que ele agora deve ter se esquecido.

— Eu vou procurar pessoalmente o presidente da República e denunciar os problemas que a Funai está criando para a comunidade indígena, bloqueando a

saída do índio com o emprego de forças policiais, do Exército e até da Polícia Federal. Quero também discutir com eles os problemas brasileiros e, se ele não tomar conhecimento dos problemas dos índios, poderemos fechar a Funai.

APELO

BRASILIA (O GLOBO) — O cacique Munduruçu Manoel Cardoso, da aldeia Coatá (AM), esteve ontem na Funai para pedir, em nome de 600 índios, que o chefe do posto indígena, Agnaldo de Almeida Barroso, não seja transferido da área, como está sendo proposto pelo prefeito de Nova Olinda e pelo delegado da 1ª Delegacia Regional da Funai em Manaus, Kazuto Kawamoto.

Manoel Cardoso disse que Agnaldo chegou à área em março deste ano e ensinou a coletar e comercializar a castanha acabando, assim, “com a exploração que vinha sendo feita pelos regatões”. Segundo afirmou, as castanhas, que foram coletadas este ano pela primeira vez, renderam Cr\$ 800 mil à comunidade e, depois do pagamento a todos os índios que trabalharam, foi montada uma cantina com os Cr\$ 335 mil restantes. Das 600 caixas de castanhas (um hectolitro corresponde a 2,5 caixas), 200 foram vendidas à firma Coelho de Brito Ltda e 400 ao comerciante José Ribamar de Borba.